

*Então, aproximando-se Pedro, disse-lhe:
Senhor, quantas vezes meu irmão pecará contra
mim e o perdoarei? Até sete vezes?*

Mateus
18:21

O ofendido¹⁴⁶

“Se alguém te ofendeu, perdoa, não sete vezes, mas setenta vezes sete vezes.”

O ensinamento do Cristo define com clareza as vantagens potenciais da criatura insultada ou incompreendida.

Por isso mesmo, não traça o divino Mestre quaisquer obrigações de caráter imediato para os ofensores, de vez que todos aqueles que ferem os outros esculpem para logo na própria alma os estigmas da culpa. E toda culpa é sempre fator de enfermidade ou perturbação.

Em todo processo de ofensa, quem a recebe se encontra num significativo

momento de vida espiritual; é quem dispõe do privilégio de desfazer as trevas dos gestos impensados, suscetíveis de se alastrarem em desequilíbrio; quem guarda a possibilidade de preservar a coesão e a harmonia do grupo em que se integra; quem conserva as rédeas da defesa íntima de quantos lhe usufruam a amizade e a convivência, ainda capazes de reações inconvenientes ou negativas à frente da injúria; quem efetivamente pode auxiliar o ofensor, através da bondade e do entendimento com que lhe acolhe as agressões; e quem, por fim, consegue beneficiar-se, resguardando o próprio coração, por imunizá-lo contra a queda em revide ou violência.

O ofendido, entretanto, tão somente obterá tudo isso, caso se disponha a esquecer o mal e perdoar o adversário, prosseguindo sem reclamar na construção incessante do bem e na sustentação da harmonia, porque toda vez em que nos transformamos levemente em ofensores, passamos à posição de doentes da alma, necessitados de compaixão e de

socorro, a fim de que não venhamos a cair em condição pior.

(*Reformador*, out. 1972, p. 273)

¹⁴⁶ Nota da equipe organizadora: Texto publicado em *Perante Jesus*. Ed. IDEAL. Cap. 9, com alterações.